

**O TRABALHO COM A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: FORMANDO O
LEITOR COM VISÃO CRÍTICA**

Working with literary Reading in basic education: forming the reader with a critical view

Gracielly Silvia Cunha
Gracielly1426@gmail.com
ORCID: 0000-0001-9874-7994

Vera Lúcia Alves Mendes Paganini
vera.paganini@ueg.br
ORCID: 0000-0003-1597-0432

Resumo: Este artigo aborda o papel da literatura na formação do leitor crítico, tendo por objetivo compreender a leitura/literatura como formadora de leitores com capacidade de interpretação e posicionamento crítico diante do que lê. Partindo da proposta de percepção do texto pelos níveis de compreensão, da obra *O que é leitura*, de Maria Helena Martins (2006), a pesquisa envolveu um trabalho de leitura e análise literária com alunos de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Goiás. A abordagem metodológica de pesquisa foi feita por amostragem. Foram analisadas três obras literárias: *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*, de Christiane Gabriel; *Extraordinário*, de R. J Palácio – no formato livro e filme, e *Dicionário de Sonhos e outras histórias de cordel*, de José Francisco Borges, utilizando como recursos de abordagem os três níveis de leitura propostos pela autora. No contato dos alunos com as obras, o intuito foi verificar se conseguem analisar as obras numa perspectiva crítica. As análises foram realizadas por meio de rodas de conversa, desenhos, produção de texto e discussões sobre as temáticas presentes em cada obra. Foi possível evidenciar que a literatura pode influenciar em diversos aspectos da formação do indivíduo – não só no campo da linguagem, mas também em relação aos aspectos: sociais, afetivos, culturais, entre outros. A pesquisa mostrou também o quanto a leitura é permeada de subjetividade. Ao refletir sobre o texto lido numa perspectiva crítica, cada sujeito pode estabelecer relações com suas próprias concepções a respeito da temática abordada.

Palavras-chave: Literatura Infantil; formação de leitor; criticidade.

Subject: This article addresses the role of literature in the formation of the critical reader, aiming to understand reading/literature as a trainer of readers with the ability to interpret and critically position themselves in the face of what they read. Starting from the proposal of perception of the text by the levels of comprehension, from the work *O que é Leitura*, by Maria Helena Martins (2006), the research involved a work of reading and literary analysis with students from the 9th grade of Elementary School of a public school in Goiás. The research methodological approach was done by sampling. Three literary works were analyzed: *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*, by Christiane Gribel; *Extraordinário*, by R. J Palácio – in book and film format, and *Dicionário de Sonhos e outras histórias de cordel*, by José Francisco Borges, using the three levels of reading proposed by the author as

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

approach resources. In the students' contact with the works, the aim was to verify if they can analyze the works in a critical perspective. The analyzes were carried out through conversation circles, drawings, text production and discussions on the themes present in each work. It was possible to show that literature can influence several aspects of the formation of the individual - not only in the field of language, but also in relation to aspects: social, affective, cultural, among others. The research also showed how much the reading is permeated with subjectivity. When reflecting on the text read in a critical perspective, each subject can establish relationships with their own conceptions about the topic addressed.

Keywords: Children's Literature; reader training; criticality.

Introdução

A literatura infantil e infantojuvenil desempenham um papel fundamental na formação da criança, contribuindo nas diversas dimensões do seu desenvolvimento. Cumpre ainda uma importante função no sentido de contribuir para a formação de leitores críticos (CAMARGO; SILVA, 2020). Neste contexto, esta pesquisa discute a temática da literatura na formação da criança e leitor crítico. Partindo das três estratégias de leitura sugeridas por Maria Helena Martins em sua obra *O que é leitura?* (2006), destacamos o que a autora apresenta sobre leitura sensorial, emocional e racional.

Vários fatores influenciam o processo de formação do leitor crítico, dentre os quais a literatura infantil e infanto-juvenil ocupa posição de destaque. Suas contribuições podem ser recebidas e internalizadas de forma positiva ou negativa na vida do leitor. Nesse sentido, é necessário compreender as contribuições que ele adquire ao longo da vida acadêmica.

A pesquisa procurou compreender a leitura como formadora de leitores com capacidade de interpretação e posicionamento crítico diante do que lê. Para atingir esse objetivo, buscou-se: pesquisar a importância da literatura infantil e infantojuvenil na formação leitora; apresentar um histórico da formação do leitor crítico; refletir sobre o papel da literatura na formação do sujeito cidadão; desenvolver atividades que demonstrem a capacidade do leitor infantil/infantojuvenil em compreender o que lê e produzir uma visão crítica do assunto; discutir processos e níveis de leitura na visão de Maria Helena Martins na obra *O que é leitura?*(2006)

Para isso, na fundamentação teórica, utilizamos autores como: Abramovich (1997), Bakhtin (1992), Coelho (2002), Martins (1994), dentre outros que nos auxiliaram na compreensão das possibilidades de leitura que um texto pode oferecer. Consideramos como

Gracielly Silvia Cunha

resultados as seguintes constatações: a confirmação da tese de Maria Helena Martins, ao trabalharmos a leitura sensorial, a emocional e a racional, no relato das emoções e experiências leitoras da pesquisa ação. Segundo a autora, cada uma das três abordagens pode corresponder a uma forma de aproximação do texto. A constatação de que atividades que privilegiem a leitura de textos variados na escola podem ser um caminho eficiente para desenvolver o olhar crítico dos alunos sobre o mundo. Utilizamos os livros: *Minhas férias, pula uma linha parágrafo*, de Christiane Gabriel e o *Extraordinário*, de R. J. Palácio, para o trabalho com leitura e produção de textos, cujos dados coletados na escola em que os alunos leram e analisaram as obras, serviram de suporte para a nossa discussão sobre os processos formativos de um leitor com visão mais crítica da realidade.

A pesquisa contempla três aspectos principais. Primeiramente, são discutidos os aspectos conceituais de leitura e de literatura infantil e infantojuvenil, esclarecendo que a leitura vai muito além da decodificação de códigos linguísticos, abrangendo os diversos elementos intrínsecos e extrínsecos ao leitor que influenciam em sua interpretação do texto lido. Nesta perspectiva, as literaturas favorecem a interpretação da criança/adolescente por trabalhar o aspecto lúdico, inerente às atividades nessa faixa etária.

Em seguida é apresentado um breve histórico das possibilidades de formação do leitor crítico, abordando os aspectos históricos, sociais e culturais que influenciam a sua formação. A formação não ocorre ao acaso ou de maneira neutra. Ao contrário, é fortemente influenciada pelo contexto histórico, social e cultural em que o leitor está inserido.

Finalmente, discute-se a importância da literatura infantil/infantojuvenil e sua teoria na formação de leitores a partir da análise dos dados coletados na pesquisa de campo com os alunos de duas turmas do 9º ano do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, turno matutino, na cidade de Inhumas - Goiás. A referida pesquisa envolveu tanto um trabalho de revisão bibliográfica quanto um estudo por amostragem, pelo método qualitativo, onde buscou-se analisar, do particular para o geral, como a leitura pode fazer com que o sujeito se torne um leitor crítico e participativo na comunidade em que ele vive.

Nesta pesquisa, optou-se pela técnica de amostragem de conveniência, com amostra de população finita – os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada. Na amostragem por conveniência, os elementos são escolhidos por serem os mais acessíveis ou fáceis de serem amostrados. Assim, entrevistam-se os sujeitos a que se tem acesso imediato e direto (como, por exemplo, estudantes de uma turma). No caso de amostra finita, o número de

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

elementos de um grupo não é muito grande e, por esta razão, a entrevista e a análise das informações devem abordar a todos do grupo (ARIAS et al, 2008).

Quanto à forma de registro, optou-se por registrar os dados por escrito, seja mediante anotações durante as atividades realizadas ou ainda por meio dos registros feitos pelos próprios alunos durante as atividades.

Assim, buscou-se com esta pesquisa contribuir com as reflexões acerca da importância da literatura infantil/infantojuvenil na formação do leitor crítico, entendendo que seu papel é muito importante, tendo em vista a necessidade de construir, já na infância, o hábito de leitura. Compreende-se, portanto, que ler envolve o conhecimento e interpretação do texto e não meramente uma decodificação de símbolos. Todavia, as duas atividades – decodificação e interpretação - estão ligadas uma a outra, onde a leitura possui diversos processos e estágios, entre eles a relação com os sentidos como Martins (2006) nos mostra.

1. Diferenciando leitura e letramento

Ainda que constituam processos inter-relacionados, os termos leitura, alfabetização e letramento não podem ser considerados sinônimos. Conforme destaca Leffa (1996, p. 9): “o processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado (linguístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo”. Em linhas gerais, segundo explica o mesmo autor, é um processo de representação, por meio do qual o sujeito “enxerga” a realidade, abrangendo não somente a leitura de palavras, mas de imagens, expressões faciais (é possível por meio delas “ler” que alguém não está bem, por exemplo), entre outros elementos. No que se refere ao texto, ler é extrair significado ou atribuir significado ao texto lido. Assim, a leitura é um processo subjetivo, onde a percepção da realidade ou do texto escrito é influenciada pelas concepções, pelos valores e pelas experiências prévias de cada sujeito.

Já a alfabetização refere-se ao processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, assim entendida como o conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessárias à prática de leitura e de escrita. Neste sentido, é imprescindível desenvolver a habilidade de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (Morais; Albuquerque, 2007). Uma pessoa é considerada alfabetizada quando conhece o código alfabético, compreendendo que sons as letras representam, além de ser capaz de ler palavras e textos (Carvalho, 2010).

Para Soares (2001), a alfabetização envolve a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, enquanto o letramento refere-se ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. De acordo com Moraes e Albuquerque (2007, p. 47): “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis”. O letramento vai além da alfabetização, isto é, de ensinar a ler e escrever, mas envolve o contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Segundo Soares (2003) o letramento abrange os conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem a inserção dos indivíduos nas diferentes situações de uso da escrita, envolvendo a diferença entre saber ler e escrever e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever.

Assim, o letramento torna o sujeito capaz de interpretar o que lê, fazendo uso autônomo da leitura e da escrita em diferentes situações sociais. Depreende-se daí que nem todo sujeito alfabetizado (isto é, que domina os códigos da língua escrita), pode ser considerado letrado, tendo em vista que muitas vezes sua habilidade de leitura restringe-se à decodificação, enfrentando sérias dificuldades em apreender o sentido daquilo que lê, ou ainda em produzir textos que atendam às suas necessidades na vida social.

Silva (2015, p.23) ainda apresenta conceito de letramento literário, compreendido como a “construção literária dos sentidos”, isto é, a atribuição de significados à experiência literária a partir de suas próprias experiências individuais. Segundo a autora, o letramento literário possibilita descobrir que nossa imaginação nos permite ser nós mesmos e ainda outras pessoas, e isso é o que atribui sentido à experiência literária.

A literatura pode trazer importantes contribuições à formação do indivíduo, em seus diferentes aspectos (cognitivo, linguístico, social, entre outros). Deste modo, exerce um papel fundamental desde a infância, como será discutido a seguir.

2. A literatura infantojuvenil e suas contribuições

A literatura infantil/infantojuvenil é apontada como um elemento valioso na formação da criança, ajudando não só no desenvolvimento da linguagem como também nas demais dimensões do desenvolvimento. De acordo com Hunt (2010, p.96) “a literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por, especialmente adequados para, ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças”. Segundo o mesmo autor a literatura infantil difere de outras literaturas em vários níveis: possui um público diferente, com habilidades diferentes, além de temas, estruturas, tratamento e vozes diferentes e adequados ao público infantil. Para

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

Cunha (2003), a literatura infantil abrange os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança.

Quando se trata de adolescência, boa parte dos estudiosos do desenvolvimento humano afirma que ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil desse grupo de pessoas. Segundo FROTA (2007, p. 155),

Hoje, tem-se a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Nessa perspectiva de ligação, a adolescência é compreendida como um período atravessado por crises, que encaminham o jovem na construção de sua subjetividade. No entanto, a adolescência não pode ser compreendida somente como uma fase de transição.

A literatura infantojuvenil diferencia-se daquela destinada ao público adulto tanto no que se refere à temática, como em relação à linguagem adotada e o uso de imagens como instrumento comunicativo. Os livros infantis, de modo geral, possuem uma abordagem mais lúdica e adequada ao público infantil. Os de literatura infantojuvenil trazem discussões de aventuras, suspense, dramas, acontecimentos sociais e cotidianos. Neste estudo foram levadas em consideração as duas abordagens. Embora as classes pesquisadas sejam de alunos de 9º ano, entende-se que as leituras propostas trazem assuntos adequados ao que se pretende discutir nas visões dos níveis indicados por Martins (2006).

Um dos benefícios da literatura infantil está ligado ao desenvolvimento da linguagem da criança. Neste sentido, é importante estimular desde cedo a interação da criança com diferentes materiais impressos.

quanto mais precoce e sistemático for o contato com o mundo do impresso, mais facilmente as crianças se apropriam das convenções do código escrito, desenvolvendo concepções sobre as funcionalidades e os aspectos figurativos e conceituais da linguagem escrita, as estratégias e os comportamentos de leitor, procurando, de forma espontânea, ensaiar as suas primeiras tentativas de leitura e escrita, que naturalmente um educador responsivo deve incentivar e valorizar (Mendes; Velosa, 2016, p. 116).

Mendes e Velosa (2016) ressaltam a importância de que o adulto crie contextos educativos que favoreçam o contato com diversos suportes de leitura – revistas, jornais, livros – deixando as crianças manusearem livremente esses materiais diversificados, de modo a estimular a sua curiosidade sobre o impresso. Se isso não acontece em casa, a escola tem a responsabilidade de suprir essa carência.

Gracielly Silvia Cunha

A literatura infantil e infantojuvenil são, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura. A literatura infantojuvenil tem como característica o vasto repertório de imagens e elementos psicológicos e culturais que as obras contêm e que integram o imaginário infantil e ativam lembranças afetivas nos jovens. Em geral, as histórias propõem problemas a serem resolvidos, instigando o adolescente a utilizar sua imaginação e conhecimento para resolver situações que podem ocorrer, de fato, em seu cotidiano (SILVA, 2017).

Conforme Mendes e Velosa (2016), o acesso a diferentes tipos de gêneros textuais pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento global da criança em vários níveis: Cognitivo - amplia a compreensão de mundo, desenvolve o raciocínio ajuda a organizar e estimular o pensamento divergente, o espírito crítico e reflexivo; linguísticos (lexicais, morfossintáticos e semânticos) e literários - amplia o capital lexical e morfossintático da criança; favorece o desenvolvimento da sua linguagem oral; facilita a compreensão de analogias, comparações, metáforas e outros procedimentos literários que auxiliam a criança a desenvolver a sua capacidade interpretativa e a sua competência leitora; psicológicos - por permitir à criança projetar-se nas personagens de ficção e nos seus modos de ajuda a consolidar a sua identidade pelo confronto com o outro, bem como a apaziguar alguns receios e angústias que se lhe colocam nesta fase do seu desenvolvimento; e social – permite distinguir o bem e o mal, adquirindo valores sociais e morais que serão determinantes na formação do seu mundo interior; incentiva a colocar-se simbolicamente no lugar do outro e entender melhor as suas experiências de vida, os seus problemas, as suas contingências.

Ao destacar a importância da leitura na formação humana, Coelho (2000) argumenta que a literatura aparece, desde sua origem, ligada à função essencial de atuar sobre as mentes e o espírito, possibilitando ao sujeito a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

Por meio da literatura infantil e da literatura infantojuvenil, a criança/adolescente entra em contato com diferentes situações do mundo real ou imaginário e pode, a partir daí, compreender melhor o mundo que a cerca, assimilar diferentes emoções, ampliando não só seu repertório linguístico como também criativo, social, cognitivo. A literatura contribui, portanto com o desenvolvimento da criança de forma integral, contemplando aspectos como a linguagem, a comunicação, a criatividade, a afetividade, entre outros. Favorece também o

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

desenvolvimento da criticidade, ampliando sua visão de mundo, como será discutido no tópico a seguir.

3. A formação do leitor crítico

A leitura desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo. Gonçalves (2019) explica que o senso crítico é uma habilidade complexa e interminável, que possui também uma natureza política. Posicionar-se criticamente, segundo a autora, é participação cidadã e política, prevista, inclusive nos documentos oficiais que fundamentam a educação brasileira.

Menegasse e Morais (2002) alertam que a leitura crítica nem sempre é uma atividade vista com “bons olhos” pela elite dominante, visto que sujeitos que questionam e cobram com fundamentos incomodam. Segundo os autores, numa sociedade capitalista, a sobrevivência da elite depende do nível de ignorância da população, enquanto a construção da criticidade na escola seria uma ameaça a quem está no poder, que, geralmente provém da elite.

Conforme Menegasse e Morais (2002, p. 135) o principal objetivo da interação com diversos tipos de texto é que o leitor “venha a desenvolver uma visão crítica da realidade, saber os motivos de as coisas serem como são e questionar suas alterações em benefício da coletividade e não de uma parcela minoritária que manipula os bens coletivos”.

A leitura exerce um papel fundamental na emancipação política dos indivíduos, na medida em que lhes permite conhecer diferentes abordagens de uma mesma temática, construindo assim uma visão mais abrangente da realidade. Desta forma, cada indivíduo desenvolve suas próprias impressões de acordo com sua bagagem cultural, social e histórica.

Gonçalves (2019) destaca três importantes atividades que compõem a leitura crítica: questionar, avaliar e verificar funcionalidade. Ao questionar, o leitor verifica os pressupostos de um texto, levantando seus vieses, isto é, o que o autor quis dizer com o texto. Ao avaliar, partindo de suas experiências anteriores, ele faz distinção entre o que é ou não relevante. Já ao verificar a funcionalidade do texto, ele analisa o mérito do texto, pautando-se em justificativas baseadas em evidências. Para a autora, o leitor crítico sempre reflete a respeito do que lê, busca fundamentos e examina atentamente um texto, em face de sua experiência, dos seus conhecimentos e de seus valores.

Esta percepção vai ao encontro do que propõe Martins (2006) ao tratar dos três níveis de leitura - sensorial, emocional e racional, onde a leitura sensorial envolve o primeiro contato e as primeiras impressões sobre o texto, a emocional estabelece relações com as vivências

anteriores do leitor, sobretudo do ponto de vista da afetividade, e a racional leva em conta a dimensão intelectual do texto lido, ao sentido impresso pelo autor em sua obra.

A leitura crítica pressupõe uma análise ampla do texto lido, considerando todas estas dimensões. Numa perspectiva crítica, o leitor analisa o texto sob diferentes aspectos, estabelecendo relações com seus conhecimentos e experiências prévias, sem deixar de lado a objetividade em identificar a mensagem que o autor quis passar.

Assim, considera-se fundamental proporcionar aos alunos, desde a infância, o contato com diferentes tipos de textos e a oportunidade de realizar uma leitura minuciosa, favorecendo assim a formação de uma visão mais crítica do mundo ao seu redor.

4. Análise dos dados coletados¹

Partindo da análise das ideias levantadas nas considerações acima, observa-se a necessidade de buscar na escola elementos que possam comprovar se a leitura na escola, especialmente iniciada com a literatura infantil e ampliada pela infantojuvenil e por outras literaturas ao longo da vida acadêmica, constitui o elemento primordial na formação de leitores com uma visão crítica consistente e com mais capacidade de atuar na sociedade em que vive. Foi realizado um estudo da obra *O que é leitura?*, de Maria Helena Martins (2006), segundo a qual um leitor normalmente passa por três níveis de leitura para conseguir compreender o que lê: o sensorial, o emocional e o racional – e que esses níveis mantêm um intercâmbio, mesmo que involuntário, fazendo com que, ao lermos um texto, tenhamos condições de perceber desde a textura do livro, ao número de páginas, como também de sentir as emoções sobre o que lemos, até o impacto que o assunto exerce em nossas atitudes pós leitura e assim, termos a percepção do conteúdo para avaliar o seu reflexo para nós sobre os ambientes que nos cercam.

Pensando nisso, resolvemos trabalhar algumas leituras guiadas, com alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, turno matutino, do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, com a hipótese de que essas leituras possibilitariam identificarmos as reações e atitudes dos alunos frente aos textos, e, assim, podermos comprovar ou não a ideia de que todo leitor, ao se portar frente ao texto com a intenção de realizar a leitura, leva consigo um

¹ Neste tópico, em alguns momentos preferimos empregar os verbos na primeira pessoa do plural devido ao trabalho com as atividades que constituem os dados selecionados ter sido um trabalho coletivo em que a pesquisadora participa ativamente do processo e se envolve com as questões propostas.

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

conjunto de saberes e pensares, que o induzem a se comportar de uma ou de outra maneira, ao assimilar o conhecimento do que lê.

Assim, utilizando três textos diferentes, procuramos, no trabalho com cada um, enfatizar um dos níveis com tal intencionalidade (porque sabemos que a cada leitura, os três níveis envolvem o leitor) como estratégia de trabalho, para explicar, segundo o pensamento da autora, que a leitura é um eficiente formador de leitores de mundo com uma visão crítica mais apurada. A comprovação da hipótese leva-nos a afirmar que a leitura pode e deve ser o elemento propulsor da formação crítica e a escola tem grande responsabilidade nesta formação. E mais, a leitura de obras literárias produz um efeito ainda melhor porque o texto literário tem a riqueza de trabalhar com os componentes metafóricos e culturais da linguagem, despertando emoções, prazer, incômodo ou mesmo uma transformação em quem lê.

O trabalho foi desenvolvido em três etapas: a primeira com o livro *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo* (Christiane Gabriel); a segunda com o livro *Extraordinário* (R. J. Palácio) e o filme de mesmo título; e a última com o livro *Dicionário de Sonhos e outras histórias de cordel* (José F. Borges). Em seguida são apresentados os relatos das atividades desenvolvidas bem como as discussões sobre como tais atividades podem contribuir com a formação do leitor crítico.

4.1. O trabalho com o livro *Minhas Férias, pula uma linha, parágrafo*

O livro *Minhas férias, pula uma linha parágrafo*, de Christiane Gribel, traz uma temática bastante familiar para os alunos, uma vez que a escrita de uma redação sobre as férias é algo bastante comum em sala de aula. A autora traz uma reflexão crítica sobre como este tipo de atividade é comumente desenvolvido, muitas vezes desconsiderando o conteúdo e concentrando a avaliação na gramática do texto dos alunos, isto é, aproveita o relato de férias dos alunos apenas para saber como estão no uso da ortografia, das concordâncias e regências, não levando em conta a mensagem da escrita.

Foi realizada a leitura individual do texto em sala de aula com auxílio de aparelhos celulares de alunos, e o recurso do livro em forma de arquivo PDF. Em uma folha branca, foi solicitado aos alunos que colocassem onde queriam passar suas férias e o porquê de passar as férias nesse local. No verso da folha colocaram a realidade de onde passariam as férias e como passariam. Logo após, responderam 3 questões, uma sobre a autora que não será analisada aqui porque não aborda questão referente à discussão, a outra se gostaram do texto, qual parte gostaram mais e por último qual parte eles menos gostaram. A atividade foi

Gracielly Silvia Cunha

desenvolvida com 50 alunos do 9º ano, sendo que destes, 35 relataram ter gostado do livro e 15 não ter gostado.

Os alunos participaram com interesse das atividades desenvolvidas, identificando-se com a temática. Algumas respostas apresentadas pelos alunos foram as seguintes:

Partes que gostaram

“Eu gostei da parte que o menino fala que não gosta de escrever redação sobre as férias. Me identifiquei pois eu também não gosto (L.H.B – 9º A)”

“Gostei quando fala da dificuldade de colocara as férias inteiras em um parágrafo, também acho difícil” (A.C.S – 9º B)

“Gostei da parte que fala do futebol no campinho, eu amo jogar em campinho” (J.H.P – 9º B)

“Eu gostei quando fala de como é bom o último dia de aula, ou quando está chegando as férias e todo mundo fica feliz” (P.H. O - 9º A)

Partes que não gostaram

“Eu não gostei da parte em que descobrimos que o menino não está na sala de aula e sim na sala do diretor. Eu achei que ele estava lendo para a professora sua redação.(S.C – 9º B)”

“Eu não gostei de quando a professora devolve a redação cheia de correções, eu detesto quando isso acontece (L.C.M – 9º A)”

“Eu achei ruim quando fala que a professora só corrige as palavras erradas e nem dá importância para como foram as férias (F.C.R – 9º A).

Muitos alunos também apresentaram respostas semelhantes, tanto na identificação com o personagem ao não gostar de escrever este tipo de redação quanto em relação ao ambiente em que se passa a história – que só ao final descobrem que ocorre na sala do diretor. A regularidade temática das duas últimas respostas aponta a improdutividade das meras correções gramaticais em textos que revelam temáticas importantes, como as experiências vivenciadas durante as férias. Desvalorizar a estruturação textual e anular a narrativa das férias são ações que desmotivam os alunos ao gosto de escrever redações

Foi possível discutir com os alunos, além da expectativa e realidade de suas férias, a questão de como as férias são tratadas neste tipo de redação. Buscou-se, nesta discussão ressaltar que a forma, as normas ortográficas são importantes, mas o conteúdo também é muito importante e deve ser valorizado. A fala dos alunos aponta exatamente isso:

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

“Eu fico triste quando minhas férias não podem ser como eu gostaria, acho que todo mundo devia ter férias legais (A.C.S – 9º A)”

“Eu queria ter umas férias mais animadas, mas lá em casa a gente não tem dinheiro” (F.R.S – 9º B).

“Minhas férias não foram como eu sonho mas foram legais também, pelo menos pude brincar com meus primos e amigos” (H.S – 9º A).

“Não gostei quando fala que a professora não comenta sobre as férias em si, fica preocupada só com corrigir palavras erradas (T.F. – 9º B)”.

“As férias são um momento tão legal, pra que obrigar a gente a escrever redação. Não era melhor conversar sobre como foi? (P.H.O – 9º A)”.

As crianças apontaram a questão social como impeditivo para não terem as férias como gostariam, demonstrando uma consciência crítica em relação à realidade em que estão inseridas. Também mostram uma postura crítica ao questionar a atitude dos professores ao apontarem erros e nem sempre prestar atenção ao conteúdo do que os alunos escrevem. Deduzimos por essa fala que, para muitos deles, escrever é um exercício chato e obrigatório (pois as férias são legais) e, pelas respostas anteriores, interpretamos que escrever é ruim porque as correções gramaticais vão emergir no texto em que o conteúdo é apagado na avaliação docente.

4.2. *Extraordinário*: Comparando o filme e o livro

O livro *Extraordinário*, escrito por R.J Palacio, conta a história de August Pullman (ou Auggie), um garoto de 10 anos que nasceu com uma deformidade facial que infelizmente lhe rendeu 27 cirurgias plásticas. Depois de anos estudando com sua mãe em casa ele finalmente começa a frequentar uma escola, precisando se esforçar para se adaptar à nova realidade, enfrentando os olhares e comentários maldosos dos colegas. Com o tempo, porém, Auggie consegue fazer grandes amizades, mostrando ser um exemplo de superação e coragem.

O filme, de mesmo título (ver acima), lançado em 2017 sob a direção de Stephen Chbosky, relata de forma resumida a história do livro, acabando por omitir alguns detalhes que podem ser considerados indispensáveis como, por exemplo, o bullying sofrido por Auggie, tratado de forma bem mais branda no filme que no livro.

Durante a pesquisa, primeiramente foi exibido o filme e em seguida os alunos puderam ler o livro. Foi desenvolvida uma dinâmica de comparar o livro com o filme, em que

Gracielly Silvia Cunha

os alunos foram levados para um espaço aberto onde conversamos a respeito das emoções e temas que são abordados no filme, e foi possível perceber que ficaram tocados com a história do personagem principal.

Aproveitamos o momento para que a professora que auxiliou na dinâmica relatasse a experiência como mãe de um filho autista. Em seu relato ela disse que é muito difícil para uma mãe, ver seu filho ser motivo de piada, ver as pessoas olhando e tratando-o de forma diferente. Foi um momento muito emocionante pois os alunos sentiram-se muito comovidos com o tema. Após a discussão, os alunos desenvolveram uma dissertação com o tema *bullying*, onde colocaram o que acham desse tema e o que conhecem sobre o assunto.

As discussões realizadas a partir das análises do livro e do filme foram bastante produtivas, sendo que os alunos puderam comentar sobre suas experiências em relação ao *bullying*, além de refletir sobre o impacto deste na vida dos indivíduos, como na história do livro/filme e do relato da professora. A seguir, são transcritas algumas opiniões dos alunos em relação ao trabalho desenvolvido:

“Eu não gostei do que o personagem Julian fez com o menino August, pois mesmo não aceitando as pessoas devemos respeitá-las” (aluno J.E. - 9º B).

“Eu gostei muito do livro, pois retrata bem a realidade de muitos jovens, crianças e toda família envolvida. August teve a grande sorte de ter uma família que lutasse por ele e não o abandonou em nenhum momento” (aluno G.H. -9º B).

“Eu achei muita covardia ficar praticando bullying contra ou Auggie, ele não merecia” (aluna G.S. -9º A).

“Eu achei a história do Auggie muito triste e muito bonita ao mesmo tempo. Achei bonito como ele consegue superar as dificuldades. (aluna C.R. -9ºA).

“A história é triste e real, pois muitas vezes vemos pessoas discriminando as outras por deficiências, pela cor, pelo peso, e muitas outras coisas” (aluno J. E. -9 B).

Os relatos evidenciam que o livro e o filme provocaram importantes reflexões, as quais podem contribuir para uma mudança de comportamento, muito importante para combater o *bullying* dentro e fora da escola. Os alunos demonstraram grande comoção com a temática do livro/filme bem como o relato da professora, revoltando-se inclusive com os personagens agressores.

A partir daí foi possível realizar uma reflexão sobre os temas abordados, tais como a questão do *bullying*, não só em relação às pessoas com deficiência como em todas as pessoas

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

que fogem ao “padrão” estabelecido pela sociedade. Refletimos também sobre a importância da família e do apoio dos amigos para que as pessoas consigam superar as dificuldades.

Os alunos demonstraram uma postura crítica em relação às temáticas abordadas, revoltando-se com os agressores (“*por que eles fazem isso?*”; “*isso não é certo, devia ser punido*” – foram comentários comuns entre os alunos). Também demonstraram admiração pelo apoio da família e a história de superação do personagem.

4.3.Literatura de Cordel: *Dicionário de Sonhos e outras histórias de cordel*

A Coletânea de textos “*Dicionário de Sonhos e outras histórias de cordel*”, traz textos de literatura de cordel, tematizando o cotidiano do homem comum, o cangaço, o amor, os castigos do céu, os mistérios, os crimes e a corrupção, as festas populares e os costumes.

Após a leitura do texto com os alunos, foi realizada uma roda de conversa a partir das palavras-chave que aparecem nas histórias como: drogas, bebidas alcoólicas e más amizades. Durante a atividade os alunos interagiram, refletindo sobre a influência das más amizades bem como sobre o perigo do abuso de álcool e drogas tanto na adolescência quanto na vida adulta.

Os alunos relataram casos familiares envolvendo abuso de álcool e drogas, citaram consequências como acidentes, separações familiares, brigas em casa, entre outras situações provocadas pelo álcool e pelas drogas:

“Eu tenho um tio que já foi preso por causa de drogas, ele tinha amigos ruins” (LC – 9º A).

“A gente tem um vizinho que bebe, fica louco e apronta um escândalo em casa, já ouvi ele bater na mulher e nos filhos, quebrar coisas” (C.R. – 9º A).

“Meu avô já bateu o carro bêbado, sorte que não morreu” (H.C.R – 9º B).

“ Minha tia separou do marido porque ele só chegava bêbado e ainda queria bater nela” (F.R.S – 9º B).

Refletimos também sobre o quanto é importante escolher bem as amizades e saber fazer boas escolhas na vida para não enfrentar problemas como os relatados.

4.4.As obras trabalhadas e a formação do leitor crítico

Gracielly Silvia Cunha

O trabalho sobre estas três obras com os alunos do 9º ano da escola pesquisada evidenciou a importância da literatura na formação crítica dos sujeitos, além de confirmar nossa hipótese inicial de que as leituras possibilitariam identificar as reações e atitudes dos alunos frente aos textos, uma vez que todo leitor, ao se portar frente ao texto com a intenção de realizar a leitura, leva consigo um conjunto de saberes e pensares que o induzem a se comportar, pelo conhecimento do que lê.

A leitura é sempre uma atividade subjetiva, influenciada pela bagagem cognitiva, histórica, cultural e social do leitor. No mesmo sentido, Britto (2006, p. 84) afirma que “ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”.

Ao ler um livro ou um texto, o indivíduo o faz de acordo com as suas visões de mundo, as suas concepções sobre o tema, as vivências que possui (ou não) em relação ao que está sendo abordado pelo autor. No caso dos livros analisados, foi possível observar claramente a identificação dos alunos com os personagens dos textos e como cada história os remetia a lembranças e situações vivenciadas por eles.

As atividades realizadas permitiram também constatar a presença dos níveis de leitura apontados por Martins (2006) - sensorial, o emocional e o racional a cada mudança de comportamento nas etapas de conhecimento das obras. A leitura sensorial permite ao leitor “conhecer o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar” (Martins, 2006, p. 42). Já leitura emocional caracteriza-se por “um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós” (Martins, 2006, p. 52), emergindo a empatia, a capacidade de colocar-se no lugar do outro. A leitura racional, por sua vez, é essencialmente intelectual, acrescentando à leitura sensorial e emocional “o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais”. (Martins, 2006, p. 66). É justamente quando o leitor consegue atingir o nível da racionalidade que ele passa a olhar para as experiências vividas, lidas e aprendidas dentro e fora da escola com posicionamentos lógicos e maduros.

Ao visualizarem as cenas relatadas em cada obra, com seus cenários e atmosferas, os alunos puderam vivenciar diferentes sensações (leitura sensorial) as quais muitas vezes puderam experienciar em seu cotidiano. Ao se envolverem com situações vivenciadas pelos

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

personagens puderam se revoltar, se comover, se identificar com tais personagens (leitura emocional). E, ao fazer a análise crítica de cada obra, discutindo-as com seus pares, puderam também realizar uma leitura mais racional, isto é, apreendendo os significados e os sentidos que cada autor traz para sua obra.

Durante a participação dos alunos nas atividades foi possível observar que, no primeiro contato com a história, os alunos já demonstraram certo interesse pela obra, fazendo algumas suposições sobre o que seria abordado ali. Durante a leitura e discussão, observou-se fortemente a leitura emocional, quando demonstraram empatia em relação ao personagem que sofria *bullying* e revolta com o personagem agressor. Durante a discussão, a abordagem foi também racional, estabelecendo relações com experiências dos alunos em relação ao *bullying* e suas percepções acerca de como o preconceito se revela na sua vida cotidiana, atingindo diversos grupos sociais.

Assim, a leitura sensorial foi trabalhada por meio do primeiro contato com o livro e as deduções sobre do que ele trataria, as quais foram estimuladas pela pesquisadora por meio de perguntas como: “Qual o título do livro? O que você consegue ver na capa? Do que será que ele trata?”. A leitura emocional foi trabalhada durante as discussões em que os alunos puderam identificar-se com os personagens e com experiências vividas em seu cotidiano. Já a leitura racional foi trabalhada durante o processo de interpretação dos textos e apreensão do sentido que o autor quis trazer para o texto, inclusive na discussão de como a história é.

As atividades desenvolvidas demonstram o potencial que a literatura tem de contribuir para a formação do sujeito crítico, levando os alunos a refletir sobre diferentes questões e estabelecer relações destas com sua vida cotidiana e os problemas sociais que fazem parte de sua realidade. A partir destas reflexões pode-se promover uma mudança de comportamento que certamente refletirá numa transformação social.

Desta forma, cumpre destacar a importância da literatura principalmente no ambiente escolar e como o trabalho com diferentes tipos de textos e com diferentes temáticas possibilita o desenvolvimento não só de habilidades linguísticas como também emocionais, afetivas e sociais.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a leitura como formadora de leitores com capacidade de interpretação e posicionamento crítico diante do que lê. Nesse sentido, a análise

Gracielly Silvia Cunha

da obra *O que é leitura?*, de Maria Helena Martins, possibilitou refletir sobre o quanto o processo de ler extrapola a mera decodificação da palavra escrita.

A leitura, no entendimento de Martins (2006), abrange os níveis sensorial, emocional e racional, os quais se inter-relacionam, mostrando a importância da bagagem individual de cada leitor diante do texto e o aperfeiçoamento de uma visão mais social e humana a partir do conhecimento sistematizado pela leitura.

Durante o trabalho desenvolvido junto aos alunos do 9º ano da escola pesquisada, buscou-se trabalhar com estes três níveis de leitura. No campo sensorial, os alunos puderam entrar em contato com cada obra, apontando o que gostaram ou não gostaram em cada uma delas. No aspecto emocional, os alunos puderam identificar-se com os personagens e as situações por eles vivenciadas, refletindo sobre situações e/ou emoções presentes em sua própria vida, a partir da leitura dos textos. Já no campo racional, foi realizada uma análise crítica de cada obra, refletindo sobre os diferentes aspectos apontados pelos autores e também como uma mesma temática pode ser abordada de forma diferente - como no caso do *Extraordinário* nos formatos livro e filme.

As atividades comprovaram a hipótese sobre a importância da literatura na formação dos indivíduos e como esta pode contribuir na formação de comportamentos e atitudes frente a problemas sociais que fazem parte do cotidiano dos alunos. A leitura trabalha não só a linguagem, mas diversos aspectos da formação humana e, por esta razão, precisa ser cada vez mais valorizada dentro e fora do ambiente escolar.

Outro elemento importante que se percebe é que, ao corrigir as produções textuais dos alunos, o professor deve ter em mente que não basta corrigir a estruturação gramatical, mas atentar-se ao conteúdo, inclusive as emoções que o aluno/autor transmite através de sua escrita. Nas atividades desenvolvidas, ficou claro que os exercícios reflexivos e críticos desenvolvidos com alunos de 9º ano durante foram além do nível decodificatório, tornando-se assim uma atividade muito mais significativa, gerando mais aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BORGES, José Francisco. *Dicionário dos Sonhos e outras histórias de cordel*. (Coleção Palavra da Gente). Porto Alegre: L&PM, 2003.

O trabalho com a leitura literária na educação básica: formando o leitor com visão crítica

CAMARGO, Maria Aparecida Santana ; SILVA, Mari Jaqueline Pinto. *Revista Espacios*. v. 41 n. 9, 2020. p. 13-23.

COELHO, Nelly N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FARIAS, Alfredo A.; SOARES, Francisco J.; CÉSAR, Cibele. C. *Introdução à Estatística*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

FROTA, A. Maria. *Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção*. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GONÇALVES, Nathaly Caldas. *A formação do leitor crítico no ensino fundamental: uma proposta de ressignificação metodológica*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

GRIBEL, Christiane. *Minhas Férias, pula uma linha, parágrafo*. Ilustrações de Jean-Claude R. Alphen. São Paulo: Salamandra, 1999.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e Literatura Infantil*. Tradução: Cid Knipel. Ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2006.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. *Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar*. *Revista Proposições*. v. 27, n. 2, maio/ago. 2016 p. 1 15-132.

MENEGASSI, Maria de Lima; MORAIS, Renilson José. *Leitura Crítica: aspectos da formação e do desenvolvimento do leitor*. *Revista Uniletras*. N. 24, dez., 2002.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. *Alfabetização e letramento*. *Construir Notícias*. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov./dez, 2007.

PALACIO, J. *Extraordinário*. Tradução de Rachel Agavino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SILVA, Kenia Adriana A. M. *Letramento literário e práticas estratégicas de leitura na primeira infância*. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 207-225, set./dez. 2015.

SILVA, Edileusa Aparecida da. *Qual a Importância da Literatura Infanto-Juvenil na Formação de um Leitor Crítico?* Guarantã do Norte: FCSGN, 2017.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. Anais... Rio de Janeiro: Anped, 2003. p. 5-17.

Gracielly Silvia Cunha

SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em 3 gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.